

OUTRAMENTO E DECOLONIZAÇÃO DE SI EM A *QUESTION OF POWER*, DE BESSIE HEAD

OTHERING AND DECOLONIZATION OF THE SELF IN A *QUESTION OF POWER*,
BY BESSIE HEAD

Renata Santos de Morales*

Juliana Figueiró Ramiro**

Noeli Reck Maggi***

RESUMO

Este artigo tem como objeto de análise a obra *A Question of Power*, de Bessie Head, inserida no contexto das literaturas pós-coloniais. O objetivo é analisar excertos que dão ensejo aos movimentos de familiaridade e estranhamento na trajetória da personagem principal da narrativa. Os trechos selecionados podem ser lidos como sintomas dos processos de outramento e podem levar a uma ampliação da experiência do leitor sobre si e sobre sua própria possibilidade de decolonização. Como base para análise sugerimos teorias antropológicas, filosóficas e psicanalíticas, com referência em Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Jacques Lacan. A metodologia traz uma análise qualitativa e tem como gesto de pesquisa a desconstrução na perspectiva de Jacques Derrida.

PALAVRAS-CHAVE

Outramento; decolonização de si; literatura; desconstrução.

ABSTRACT

This article examines Bessie Head's *A Question of Power*, inserted in the context of postcolonial literatures. The objective is to analyze excerpts that give rise to movements of familiarity and estrangement in the trajectory of the main character of the narrative. The selected passages can be read as symptoms of the processes of othering and can widen the reader's experience about themselves and their own possibility of decolonization. As a basis for analysis we suggest anthropological, philosophical, and psychoanalytic categories, with Homi Bhabha, Gayatri Spivak, and Jacques Lacan. The methodology proposes a qualitative analysis and has as a research gesture the deconstruction in the perspective of Jacques Derrida.

KEYWORDS

Othering; decolonization; literature; deconstruction.

* Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter).

** Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter).

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

INTRODUÇÃO

Neste estudo falamos e nos colocamos a partir de um lugar de enunciação diverso daquele em que se insere o objeto de análise, a obra *A question of power*, de Bessie Head¹. E falamos, ao mesmo tempo, a partir de uma condição de (r)existência que muito nos aproxima da narrativa objeto deste estudo. Singularidade e universalidade são opostos que aqui andam juntos.

O estudo aqui proposto se coloca em um movimento de desconstrução, como postura e viés de pesquisa. O pensar desconstrucionista vem para questionar estruturas de poder que emanam de discursos centralizados e totalizantes e abrir espaço para outras vozes. Trata-se de olhar para o como e o motivo de verdades que foram construídas, sob quais pretextos e contextos sociais, históricos, políticos e culturais. Partindo de um discurso tomado como de margem, pertencente a uma narrativa outra, questionamos as estruturas de poder que constituem os sujeitos, fragmentados e orientados por uma história que lhes foi dada. Ao mesmo tempo, buscamos possibilidades de conquistar nossa própria decolonização.²

Direcionamos nossos esforços para olhar para o tema do outramento e da decolonização de si desde uma perspectiva inserida nos estudos pós-coloniais, em uma tentativa de relacionar a narrativa de uma obra literária, imersa nesse mesmo contexto, com categorias filosóficas, antropológicas e psicanalíticas. Orientamo-nos a partir da premissa da colonização do sujeito, categoria que, para Lacan (1979), está fundada na suposta ideia de que o ser humano consegue colocar em ato tudo o que genuinamente deseja. Segundo a teoria lacaniana, o pensamento do sujeito é o elemento responsável por sua própria colonização. Considerando o sentido dado pela mesma linha teórica para o outramento, ou para a figura do outro como determinante para dizer o eu, o pensamento que coloniza o sujeito é sempre vinculado ao pensamento do outro. Tendo esse preceito como parâmetro, buscamos estudar a possibilidade de decolonização, movimento que carrega em si a noção de lutar para

¹ O presente estudo é parte da pesquisa de doutoramento da autora.

² Utilizamos o termo decolonial, seguindo a proposta de Walsh (2009, p. 15-16). A autora propões utilizar o termo “decolonial”, sem o “s” para distingui-lo do significado de descolonizar em seu sentido clássico. Deste saímos do contexto de desfazer ou reverter o colonial, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. Tal como assinala Colaço (2012, p. 7-8), “a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua.”

ressignificar as experiências do sujeito, com base nos relatos presentes na obra selecionada para análise.

Uma das principais questões que norteiam este trabalho é buscar, na história protagonizada, quem é o outro que se revela a partir da nossa leitura. Em outras palavras, quem é o outro que se lê? E, fruto desse questionamento, trabalhar com a hipótese de que a leitura de uma obra literária, inserida no contexto pós-colonial, revela uma experiência de ressignificação de experiências e de decolonização de si, oportunizando a quem lê uma ampliação da percepção de si e da sua condição de estar no mundo.

Para responder a essa questão adotamos as perspectivas da filosofia, da antropologia e da psicanálise para fundamentar a análise de trechos da obra *A Question of Power*, de Bessie Head. Tal livro foi selecionado porque, inserido no contexto dos estudos pós-coloniais, evidencia a colonização do sujeito em sentidos que vão desde os mais estritos do termo até os mais amplos. E, além disso, narra a vida de Elizabeth, uma personagem que percorre diversos núcleos de ordem cultural, psicológica e social, o que expõe as fraturas e contradições do humano. Com seus paradoxos, a obra possibilita pensar os deslocamentos do sujeito leitor no texto a partir do percurso da personagem principal.

Talvez pela leitura o sujeito possa transbordar aquilo que traz em si, dá ensejo à denúncia do que o constitui, e a oportunidade para ampliar sua percepção de si. Perceber a leitura sob essa perspectiva é possível pois obras literárias sobrevivem ao tempo e transcendem seu espaço de origem pela presentificação do seu sentido em cada sujeito que as lê. O sujeito, ao proporcionar a si tal experiência estética, depara-se com um mundo novo, diverso do seu, mas não menos presente ou real.

Este artigo considera que estamos tomados pela concepção ontológica da supremacia do *ser*. Assim como o professor pesquisador Castor Bartolomé Ruiz expressou em sua obra *Os Paradoxos do Imaginário* (2004), partilhamos de um “longo processo de insatisfação com as posturas clássicas que buscam na racionalidade o segredo último da realidade para, tornando-nos mais racionais, adaptar-nos aos postulados de uma verdade pré-estabelecida” (RUIZ, 2004, p. 13).

Estamos presos em um modo de viver em que a definição de ser humano e a natureza remetem a um pensamento racionalizado e construído pelo homem branco, colonialista e burguês. Dessa forma, enquanto a filosofia moderna, assentada em um modo de pensar totalizante, segue afirmando a integridade e a supremacia do eu, da

consciência e da razão, a leitura se apresenta como um espaço de abertura. Nela encontramos um mundo habitado por sujeitos que, muitas vezes, são expostos, incompletos, fraturados, contraditórios.

No escopo deste estudo, consideramos que estamos na condição de sujeitos colonizados. Nas perspectivas teóricas que dialogam nesta pesquisa, encontramos esse ponto em comum. Na filosofia, temos a concepção de colonização como o cerceamento do pensamento do ser humano; na antropologia, a colonização vincula-se ao etnocentrismo e todos os movimentos que daí decorrem; na psicanálise, colonizados são os sujeitos que não conseguem reconhecer na sua incompletude a possibilidade de ressignificação, ou que são dominados pelo inconsciente. Decolonizar-se, assim, em cada uma dessas perspectivas, seria lutar para se libertar das experiências automatizadas e apropriar-se de si, permitir a percepção do outro sob parâmetros diferentes daqueles já dados e naturalizados. Seria reconhecer que somos governados pelo inconsciente e que o nosso escape em direção à decolonização é a possibilidade de ressignificar nossas experiências enfrentando as nossas próprias resistências.

A LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE DECOLONIZAR-SE

Elizabeth, a protagonista da obra em análise, lê o poema de seu filho. E lê novamente. E novamente. Elizabeth não acredita no que lê, e se surpreende com o texto. Talvez porque ela tenha se visto tão de perto nas linhas escritas pelo filho. É essa mesma perspectiva de leitura que nos incentivou a desenvolver este trabalho.

A leitura revelada como experiência de si e do outro, como exercício de ressignificação de experiências pela via do encontro com o outro, aproxima o sujeito das suas possibilidades criativas, promove o seu desenvolvimento e a reflexão sobre a condição humana em dado contexto sociohistórico e cultural. Uma leitura-experiência, reflexiva, em que se busca sentido, apresenta-se como possibilidade de exercitar a capacidade interpretativa dos sujeitos para que possam sair da posição de consumidores passivos de informação, e para que se libertem de modelos estruturalistas de leitura.

Para o filósofo Jacques Derrida (1978), um modo estruturalista de leitura é aquele que privilegia o significado em detrimento da própria força do significante; que valoriza apenas as oposições. O problema desta forma de interpretação é, para o filósofo (1978), que com uma leitura assim há o descarte da diferença, de signos que

não encontram seus lugares nos paradigmas semânticos binários. É preciso ler deixando vir à tona a interpretação indecidível, uma interpretação da interpretação da interpretação.

Em sua obra *A Farmácia de Platão*, Derrida (2005) apresenta a metáfora do *pharmakon*. Com essa metáfora, o filósofo apresenta a ideia de que a atividade de interpretação que decorre da leitura não se decide por um significado único dos signos. Pelo contrário, a interpretação se dá no momento em que diferentes significados se unem em trama. O *pharmakon* é a *différance*.

Para Derrida, toda a linguagem consiste em diferenças, e as ideias são como unidades de linguagem geradas pela diferença. Na contramão da concepção filosófica ocidental, a linguagem, ou as ideias, não têm substância, e, por conseguinte, não têm presença. Existem apenas rastros de outros signos e de outras diferenças (DERRIDA, 1982).

Assim, entender a *différance* de Derrida implica em perceber que tudo o que existe está conectado em uma relação de interdependência, e, novamente, não em uma relação de causa e efeito. O que se lê pode ser classificado, dividido em categorias, mas não se pode considerar que cada categoria é original, isolável. As interpretações provenientes do ato de ler se dão a partir de um produto da mente humana, da linguagem, e não podem ser vistas como puras, originais e imutáveis.

Segundo Derrida (1978), a interpretação não é responsável por um apagamento dos significados, pelo contrário, é a interpretação que permite que as forças do *pharmakon*, o remédio do veneno, do bem e do mal, do claro e do escuro aflorem. Enfim, de todas as oposições e distinções, de todas as diferenças que podem ser verificadas. Logo, a leitura pensada a partir dos preceitos desconstrucionistas levam em conta a indecidibilidade: permitir que os significados venham à tona, dar voz à alteridade, propagar os significantes e mediar seu jogo, enfim, mobilizar a força do texto.

A leitura, vista desse modo, impõe abertura e acolhimento. A capacidade interpretativa do sujeito passa por esse movimento em que a compreensão requer uma apropriação das próprias concepções de mundo, em negociação constante com o que é apresentado em uma obra literária. O ato de ler é uma possibilidade de prática ou de retomada dessa capacidade interpretativa que viabiliza e resgata a compreensão do mundo e de si mesmo. Para Derrida (1978), no sentido de que cada leitura corresponde a um grifo novo, a um acréscimo de sentido, a um traço a mais

pelo qual o leitor se insere no texto. Por meio da prática de leitura, que apresenta um mundo incompleto, sobre o qual não é possível estabelecer origem ou fim, apenas diferença, o leitor se aproxima mais dele mesmo e se inscreve e se reconhece.

Para o filósofo, ainda, o que se espera em porvir e o que se acumula em memória se acumula no ato de interpretação (DERRIDA, 1978). No mundo da obra, o leitor se coloca e se vê, traz à tona experiências passadas e as vislumbra nas linhas e entrelinhas do texto. Em um movimento de negociação de sentidos que vem de si e emanam da narrativa, o leitor percebe suas ações e as transfere para o mundo fora da obra. A narrativa ganha vida e profundidade, e tal como afirma Manguel (2004, p. 299), a leitura é mediada pela experiência do leitor, e “para além do sentido literal e do significado literário, o texto que lemos adquire projeção de nossa experiência, da sombra, por assim dizer, de quem somos”.

Sugerimos, então, neste estudo, pensar o ato de leitura como reescrita, como travessia, como oportunidade de inscrevermo-nos no outro, na medida em que transitamos entre o texto e os nossos referenciais de sentido, e percebemo-nos como residentes na narrativa.

Como objeto de análise, elegemos a obra *A Question of Power (QP)*, de Bessie Head³. A obra narra vida de Elizabeth – uma mulher sul-africana que se vê forçada a refugiar-se junto com seu filho pequeno no vilarejo de Motabeng – ‘a terra de areia’, na Botswana. Elizabeth é definida na trama como uma mulher negra que nasceu na África do Sul em épocas de *apartheid*, que sofre abusos de várias ordens e alucinações. Durante a trama, Elizabeth sente na pele o fato de ser forasteira e do não-pertencimento àquela cultura. A narrativa retrata o quadro mental da protagonista, que transita entre a realidade e um mundo de insanidade e de colapsos.

O texto que segue será guiado pela narrativa da obra de Bessie Head, em uma tentativa de não tomar os excertos como unidades significativas encerradas em si, mas de devolver seus sentidos ao discurso que os originou. A fundamentação será, portanto, disposta a partir do texto, juntamente com as análises e discussões.

³ Bessie Head nasceu em 1937 em Pietermaritzburg, na África do Sul, e faleceu em 1986. Ela abordou, em seus escritos, questões relacionadas à capacidade do ser humano de lutar contra opressões e tormentas e de uma possibilidade de retorno à identificação como sujeito no mundo. Head deixou a África do Sul em 1964 com um visto de saída de refugiada, que não previa possibilidade de retorno, e viveu na Botswana até falecer. Sua experiência como refugiada imprimiu em seus textos tons que aproximam o leitor de seus personagens, de suas lutas e de suas transformações.

A QUESTION OF POWER

A obra objeto de análise deste estudo foi concebida em um contexto de dominação e de materialização de relações de poder. Questões relacionadas à alteridade ocupam, cada vez mais, um espaço importante em várias áreas do conhecimento. As marcas de subjetividade são percebidas em diferentes facetas presentes na vida do ser humano, mas não facilmente determinadas e isoladas porque não possuem fronteiras definidas. Os trechos que abrem a obra denunciam a ausência de fronteiras a partir da percepção de Sello, o qual preferia identificar-se com a humanidade do que com o povo africano. Sello queria ser apenas uma pessoa qualquer.

Sello é uma espécie de entidade que aparece para Elizabeth e que a acompanha, sempre sentado em uma cadeira à beira de sua cama. Parece-nos que Sello e as outras entidades que estão por vir na narrativa sejam facetas de Elizabeth, reflexos de suas experiências de alteridade. Ele mostra a Elizabeth algo que está na origem da nossa existência social, e que vem impactar nossa subjetividade diretamente: somos definidos por relações de poder, e, no embate entre os sujeitos, aqueles de personalidade mais frágil são destinados a serem dominados e consumidos pelos poderosos. Na narrativa:

O nome do homem era Sello. Uma mulher na aldeia de Motabeng fazia paralelo ao seu desenvolvimento interior. A maior parte do que se aplicava a Sello se aplicava a ela, porque eram almas gêmeas com destinos intimamente ligados e a mesma capacidade de submergir outras preocupações em busca das coisas da alma. Foi uma perseguição insana desta vez. [...] Era mais difícil revelar os sutis equilíbrios de poderes entre as pessoas - como era fácil para as pessoas com personalidades frouxas serem atacadas por pessoas dominantes e poderosas. (HEAD, 2011, p. 4, tradução nossa)⁴

Dan é a outra entidade que aparece para Elizabeth. Ela o considera o próprio inferno, ele a domina, aprisiona em uma situação de depressão e a coloca na posição de colonizada. A partir de suas experiências com Dan, Elizabeth se pergunta sobre quem era ela:

Ela [Elizabeth] teve a nítida sensação de viver dentro de um banheiro fedorento; ela estava tão quebrada, tão despedaçada; ela não tinha energia nem para levantar uma mão. [...] Como ela havia desmoronado tanto? Era menos do que um animal,

⁴ The man's name was Sello. A woman in the village of Motabeng paralleled his inner development. Most of what applied to Sello applied to her, because they were twin souls with closely linked destinies and the same capacity to submerge other preoccupations in a pursuit after the things of the soul. It was an insane pursuit this time. [...] It was harder to disclose the subtle balances of powers between people – how easy it was for people with loosely knit personalities to be preyed upon by dominant, powerful persons. Todas as traduções das citações neste artigo são de nossa autoria.

uma sub-vida, um lugar tão escuro e abandonado que a solidão e a miséria não poderiam ser seu equivalente. (HEAD, 2011, p. 7)⁵

Os impactos da colonização se fazem presentes no nível social e também no nível subjetivo dos indivíduos que viveram esta época e dos sujeitos que carregam em si e em sua historicidade as marcas desse processo. Elizabeth vê Dan como seu colonizador, como uma figura que quer destruí-la, e também destruir Sello - projeção do seu ser em forma de entidade.

O termo colonialismo está diretamente relacionado com uma forma específica de exploração territorial e cultural que se desenvolveu com a expansão da Europa nos últimos 400 anos. E, embora muitas civilizações anteriores tivessem colônias e, ainda que percebessem que suas relações com eles eram como a de um império central em relação a uma periferia de culturas provinciais, marginais e bárbaras, vários fatores cruciais distinguem a construção do imperialismo europeu renascentista (ASHCROFT, 2007).

A exemplo das hierarquias residentes no sistema colonialista, a protagonista narra parte de sua história pessoal. Elizabeth descobre, ao ser enviada para um internato, que quem a criou não era de fato sua mãe biológica, e sim uma mãe adotiva, e descobre que sua mãe biológica estava vivendo em um hospital psiquiátrico. Os relatos que chegam à Elizabeth são de que sua mãe biológica havia tido um envolvimento com um negro, e, em uma época em que relações entre raças e classes sociais eram legalmente proibidas, isso resultava em internação da mulher. Assim, Elizabeth descobre as circunstâncias em que foi concebida e nasceu, e como chegou à uma família adotiva, depois de ter passado por orfanatos e lares de menores, e porque era miscigenada. A autora descreve:

A história de sua mãe era um acidente ou um projeto? [...] Eles mantiveram a história de sua mãe biológica em segredo até os treze anos. Ela amava outra mulher como se fosse sua mãe, que também era parte africana, parte inglesa, como Elizabeth. Ela tinha sido paga para cuidar de Elizabeth, mas com a morte de seu marido, ela recorreu a vender cerveja como meio de sustento. [...] Eles [soldados] vinham junto com suas prostitutas e havia um rugido horrível e comoção acontecendo o dia todo. Embora ela amasse a mulher, ela ficou secretamente aliviada ao ser tirada da cervejaria e enviada para um internato de freiras. (HEAD, 2011, p. 8)⁶

⁵ She [Elizabeth] had a clear sensation of living right inside a stinking toilet; she was so broken, so shattered; she hadn't even the energy to raise one hand. [...] How had she fallen so low? It was a state below animal, below living and so dark and forlorn no loneliness and misery could be its equivalent.

⁶ Was the story of her mother sheer accident or design? [...] They had kept the story of her real mother shrouded in secrecy until she was thirteen. She had loved another woman as her mother, who was also part African, part English, like Elizabeth. She had been paid to care for Elizabeth but on the death of her husband she resorted to selling beer as a means of livelihood. [...] They [soldiers] came along with their

A história de Elizabeth está ligada à loucura da violência colonial, à soberania do colonizador que decide sobre a vida dos sujeitos, sobre a legitimidade ou não de seus atos. Elizabeth escuta as palavras da diretora do internato e, a partir delas, narra Head, sente-se partida ao meio, rachando. E, como se a terra começasse a desaparecer debaixo de seus pés, vai afastando-se de si. Nesse momento, mais do que não ser legítima, ou não ser branca, o fato de ser simplesmente diferente do outro a leva a sua própria anulação. A protagonista não mais pertencente ao grupo dos “normais”. Elizabeth sente-se no mundo como um corpo que perambula em busca de respostas. Mentalmente, ela é deslocada para outro reino no qual ela se vê presa no imaginário e no extraordinário, em que seus traumas voltam toda vez que ela fecha os olhos e revelam-se sob diferentes formas.

O primeiro capítulo também traz a informação de que o marido de Elizabeth era infiel e agressor, e que abusou de Elizabeth, de certa forma explicando porque ela despreza os homens e a si mesma. Isso fez com que Elizabeth fugisse de casa, abandonando seus pertences e seu casamento para nunca mais voltar.

Com isso, sentiu-se forçada a fugir da África do Sul e buscar exílio na Botswana. Essa experiência fez com que Elizabeth vivenciasse experiências semelhantes às sofridas pelos negros na África do Sul, que lá sofriam com o processo de, e reafirmasse a crença de que o povo colonizado é inferior e nasceu para ser odiado. No processo de colonização, a ideologia de raça era uma parte crucial da construção e da naturalização de uma forma de dominação. Temos, como consequência dessa ideologia que propunha a naturalização do tratamento desigual com base na raça, uma “justificativa” para a manipulação dos povos escravizados e para o desenvolvimento do tráfico escravo a partir do final do século XVI. As proposições de “evolução da humanidade” e a sobrevivência da “raça mais apta”, seguindo uma aplicação grosseira do darwinismo social, acompanharam as doutrinas do imperialismo até o final do século XIX (ASHCROFT, 2007, p. 41). Tal movimento é percebido na obra nas afirmações de Elizabeth, que acredita e, via linguagem, reafirma o fato de que os negros, em relação aos brancos são inferiores e nasceram para serem odiados.

prostitutes and there was an awful roar and commotion going on all day. Though she loved the woman, she was secretly relieved to be taken away from the beer house and sent to a mission school.

Vivendo em Motageng, um vilarejo na Botswana, com seu filho, o qual Elizabeth chama de *Shorty* [baixinho], a protagonista começa a ser visitada durante a noite por um homem chamado Sello, conforme mencionamos acima, que costuma sentar-se à beira de sua cama. Sello é descrito por Elizabeth como um monge que conversa sobre a pobreza e sobre a África. A narrativa mostra, inicialmente, Sello como um homem bom, mas que traz à tona a vulnerabilidade de toda a humanidade. Elizabeth encontra, em Sello, um outro, e identifica-se sem nem mesmo possuir um rosto próprio, mas como uma imagem refletida daquela figura masculina.

O termo outro foi utilizado amplamente no campo da filosofia existencial, notadamente por Sartre, na obra *O ser e o nada* (1943) ao estudar as relações entre o self e outro que definem as identidades dos sujeitos. No entanto, é nos estudos freudianos e pós-freudianos, principalmente nas propostas de Jacques Lacan, com a análise da formação da subjetividade, que o termo ganha mais aproximação com a forma com que é utilizado na fundamentação dos estudos pós-coloniais, e é a base da estrutura, por exemplo, da teoria do outramento de Spivak e de toda a concepção de alteridade dentro do pós-colonialismo.

Lacan argumenta que, na psicanálise, os processos devem sempre ser vistos de forma circular entre sujeito e outro, “do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro, do Outro que lá retorna” (LACAN, 1979, p. 196). Para Lacan,

[...] o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.

[...] o sujeito depende do significante e o significante está primeiro no campo do Outro (LACAN, 1979, p. 196).

A noção de dependência do significante, e, por conseguinte, do outro está relacionada à característica de ambiguidade do signo, o qual representa algo para alguém. Esse alguém, sugere Lacan (1979, p. 197) “pode ser muitas coisas, pode ser o universo inteiro”, de forma que os signos estão à disposição do sujeito e o que eles representam pode ser tomado por qualquer um. Este alguém apareceu para a protagonista como uma entidade que a visita durante a noite, que é seu reflexo e que a diz.

Elizabeth parece muito sensível ao fato de ser estrangeira, de não ser negra como os habitantes de Motabeng e da África, e sente a dor do não-pertencimento. Nas palavras da personagem, “no que diz respeito à sociedade do Botsuana, ela era

uma estranha e forasteira e nunca estaria *inserida* nas coisas daquela sociedade” (HEAD, 2011, p. 20, grifos da autora)⁷. Na narrativa, este fato materializa-se em comentários de pessoas da comunidade sobre sua identidade racial. Ao mesmo tempo que não se reconhece mais, que não tem mais sentimentos de pertencimento com seu lugar de origem, Elizabeth é colocada, para a comunidade de Motabeng, como um sujeito outro. A protagonista traz em sua fala elementos que sugerem que, ainda que seja de raça mista, ela despreza os negros da Botswana. Avaliamos que isso ocorre porque Elizabeth, sendo mestiça, carrega em si traços do colonizador e do colonizado, travando uma luta interna e de ambivalência semelhante ao colonialismo. É recorrente o fato e Elizabeth sentir-se fraturada, partida, rachada, palavras que remetem à divisão, o que pode ter relação com essa luta interna do branco e do negro, gerando tal ruptura. É natural que ela, tendo essas duas porções em si, opte por agir muito mais como colonizador do que como colonizado. Talvez por isso sejam mais evidentes em sua fala elementos de ataque ao negro do que ao branco.

Assim como em todo sistema caracterizado pelo binarismo, o *Apartheid*, tornou verdade a oposição branco/negro. Um sujeito mestiço não está em nenhum dos dois polos, gerando um desequilíbrio do sistema porque denuncia que essas extremidades, as quais deveriam ser mantidas separadas, em algum momento se uniram e podem ser uma coisa só. Nesse sentido, percebemos Elizabeth duplamente colonizada em constante luta interna em busca de resolução. E, por tudo isso, desprovida de forças, Elizabeth começa a se questionar fortemente sobre sua valia como sujeito e sobre seu estar no mundo. Elizabeth, ao mesmo tempo que é o resultado do sistema colonialista, o põe em cheque.

Teóricos como Spivak e Homi K. Bhabha, seguindo uma orientação filosófica pós-estruturalista, tendem a concentrar suas análises no papel da linguagem e da escrita especificamente na disseminação e resistência a ideologias coloniais. Tais estudos, como o apresentado em *O Local da Cultura*, por Bhabha (1998), ou *Can the Subaltern Speak*, por Spivak (2010), buscam aplicar a consciência aumentada das ambiguidades do pensamento e da escrita ocidentais para interrogar as contradições e inconsistências inerentes aos discursos coloniais.

⁷ as far as Botswana society was concerned, she was an out-and-out outsider and would never be in on their things.

Antes disso, na década de 50, tivemos o tema sendo tratado nos estudos do psiquiatra e filósofo Franz Fanon, que buscou registrar os danos sofridos pelos povos colonizados, que internalizaram esses discursos coloniais, sob o ponto de vista psicológico, como é o caso da protagonista de Head. Fanon, em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), descreve a experiência do negro colonizado. O autor afirma que este não é nada se não se colocar com relação ao branco. Aos olhos do colonizador, coloca Fanon, “o negro não tem resistência ontológica” (2008, p. 104), e o autor segue dizendo que “de um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência, [...] seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e lhes foi imposta” (2008, p. 104).

Said (1989) afirma que a noção de subjetividades outras é formada no discurso colonial através do processo de colonização, pelo qual são definidos os papéis. Segundo o autor (1989), os sujeitos referidos como outros pertencem a regiões e grupos fora da estrutura do poder hegemônico. Said (1989) trata da questão considerando a ideia de representação, que pode ser considerada como análoga ao conceito de outramento proposto por Spivak. Para ele (1989), são as representações estereotipadas de outras terras, sujeitos, culturas ou linguagens em obras literárias as responsáveis por dominar a psicologia tanto do colonizador como do colonizado.

Também, nesse sentido, o escritor Chinua Achebe (1977) demonstra, em sua análise da obra *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, como as obras literárias ocidentais incorrem no processo de representação, ou, nos termos de Spivak, de outramento de sujeitos, terras e linguagens e, por meio das narrativas, constroem e reafirmam a categoria dos marginalizados, subalternos, isto é, dos outros. Para Achebe (1977), a dominação física e psicológica dos antigos colonizadores e suas representações do outro permanecem mesmo depois do processo colonial ter terminado e ressoam na construção de subjetividades. O autor africano reforça a ideia de que Conrad não criou a imagem da África a qual ele descreve na obra *Coração das Trevas*, mas consolidou uma imagem dominante sobre todo um continente e um povo na imaginação dos sujeitos ocidentais que o leem, nutrindo o desejo desses por reafirmação de sua superioridade (ACHEBE, 1977).

Na narrativa, Elizabeth relata o que ouvira quando morava com uma alemã na África do Sul. A mulher conta para Elizabeth que estava se sentindo como se tivesse voltado à Alemanha de Hitler. A partir disso, entendemos que está exemplificada a

noção de representação e de formação de estereótipos pelo colonizador, visto que o estereótipo de inferioridade do povo colonizado é tão marcado que ao próprio povo parece natural que sejam mesmo inferiores. Em outras palavras, essa estratégia de configuração de representações e estereótipos é suficiente para convencer o povo dominado de que são inferiores. A personagem narra:

A mulher alemã com quem morava na África do Sul lhe havia falado sobre o modo como o povo judeu havia acordado uma manhã em meio a um pesadelo como esse. Antes da propaganda de Hitler, eles haviam sido apenas como outros cidadãos alemães, com famílias, vidas e ocupações. Ela apareceu uma noite e observou um incidente ocorrido no escritório onde ela trabalhou como datilógrafa: “Achei que tinha voltado na Alemanha de Hitler esta manhã”, disse ela. “Nosso chá é servido por um jovem africano. Há uma pequena porta de vaivém na entrada do nosso escritório, e ele sempre vem daquele jeito com a bandeja de chá. Bem, nesta manhã, um dos bôers no escritório caminhou até ele e chutou a bandeja das mãos. As xícaras, o açúcar e o leite voaram por toda a parte. O bôer se virou para seus companheiros e explodiu rindo. Eles se juntaram. Embora o homem estivesse bravo, ele se encolheu; mas também riu. Ele disse: Ha, ha, nossa.” E pensei: “Eu vi isso em algum lugar. Os jovens de Hitler fizeram isso aos judeus. Eles estavam tão desmoralizados pela propaganda, eles se encolheram desse jeito. Eles começaram a acreditar que eram inferiores.” (HEAD, 2011, p. 43)⁸

Em um dos momentos bastante significativos da narrativa, Head mostra o funcionamento do trauma e do poder na psique humana também como uma questão fortemente social e política relacionada a toda a comunidade, não só ao sujeito. A protagonista, ao mencionar o que a personagem Thoko a disse quando havia perguntado sobre a possibilidade de acompanhar o grupo de mulheres na colheita, de que uma forasteira como ela iria morrer um dia, que o trabalho na colheita era perigoso, evidencia o pensamento dos locais sobre Elizabeth: uma forasteira não resistiria ao trabalho. A nosso ver, a escolha da palavra *forasteira* pela autora carrega em si uma grande carga de discriminação pelo fato de Elizabeth ser mestiça e sul-africana. Esta palavra, além de significar que alguém que veio de outro país, também remete a todo aquele que não pertence a determinado grupo ou local, um estranho.

⁸ The German woman she had lived with in South Africa had told her of how Jewish people awoke one morning to a nightmare like that. Prior to Hitler’s propaganda they had just been like any other German citizens, with families, lives and occupations. She came one evening and remarked on an incident that had taken place in the office where she worked as a typist: ‘I thought I was back in Hitler’s Germany this morning,’ she said. ‘We have our tea served by a young African man. There’s a small swing door at the entrance to our office, and he always comes in that way with the tea-tray. Well, this morning one of the Afrikaners in the office walked up to him and kicked the tray out of his hands. The cups and sugar and milk all went flying around the place. The Afrikaner turned around to his fellows and burst out laughing. They joined in. I thought the man would be angry. Oh no, he cringed and laughed too. He said: Ha, ha, Baas.’ And I thought: ‘I’ve seen this somewhere. The Hitler youth did this to the Jews. They were so demoralized by the propaganda, they cringed like this man. They began to believe they were inferior.’

Ainda assim, ao longo da narrativa veremos como é a comunidade que acaba por resgatar Elizabeth do inferno. O trabalho com o plantio e a amizade parecem ser os antídotos contra as forças destrutivas que operam dentro de sua mente. Nesse sentido, gradualmente, a imagem do solo funciona como uma metáfora do espelho, como um outro que Elizabeth vê como possibilidade de vida brotando novamente, ainda que nos terrenos áridos da Botswana. Além disso, o solo ainda é uma representação primária de local, talvez a mais original, e representa uma conexão direta do sujeito com suas origens. Até este momento na narrativa, no entanto, o que a personagem vê são as tempestades que varrem os céus de Motabeng, o que nos parece remeter diretamente à tempestade que vive internamente, que foge do seu controle, e desaba de forma abrupta e terrível, tal como as águas no céu do vilarejo.

A presença de elementos que parecem contraditórios, a certeza do solo e a incerteza da tempestade, também refletem uma característica marcante das relações de colonização, a ambivalência. Esta é uma das estratégias discursivas e psíquicas mais significativas do fazer discriminatório - seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano. Ainda assim, Bhabha (1998) aponta que reconhecer o estereótipo como ambivalência é um movimento perigoso, pois requer uma abertura teórica e política que desafie a forma totalizante de pensar. Assim, para Bhabha (1998, p. 106), “a analítica da ambivalência questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação”, e “o ponto de intervenção deveria ser deslocado do imediato reconhecimento das imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetivar”.

Na defesa de sua teoria do discurso colonial, Bhabha afirma que entender o colonialismo e seu poder passa necessariamente pela compreensão de seu regime de verdade, no entanto, sem que suas representações sejam julgadas e somente a partir dessa perspectiva, afirma o autor que:

[...] se torna possível compreender a ambivalência *produtiva* do objeto do discurso colonial - aquela “alteridade” que é ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio, uma aniquilação da diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade. O que essa leitura revela são as fronteiras do discurso colonial, permitindo uma transgressão desses limites a partir do espaço daquela alteridade. (BHABHA, 1998, p. 106, grifo do autor)

Elizabeth termina a primeira parte do livro no auge das suas tormentas. Ela parece tentar se reconciliar com todas as forças que a dominam e esgotam. Mas, quando tudo parecia estar perdido, há um instante de liberdade, quando narra que

“ela voltou à vida, riu e jogou as mãos no ar com uma sensação de libertação (HEAD, 2011, p. 103)⁹. Elizabeth parece ter recebido um sopro de vida.

A perspectiva de que o discurso colonialista é ambivalente parece desestabilizar a autoridade da dominação colonial porque o próprio discurso do colonizador quer produzir sujeitos complacentes que reproduzam pressupostos, hábitos e valores, ou seja, mimetizando o colonizador. O resultado, no entanto, é a produção de sujeitos ambivalentes, possibilitando que o discurso seja problematizado ou questionado.

O sistema colonial traz ao sujeito marcas que aparecem em todas as suas relações. Elizabeth, em seu discurso, apresenta a ideia de que os outros são superiores a ela. Ela atribui ao outro o sucesso ou insucesso de sua existência. Ao conhecer o personagem Tom, um americano branco, seus primeiros comentários dizem respeito a como ele é forte e ao fato de ter um diploma, ou seja, ter recebido educação superior e, por isso, tudo o que ela não é, ou não sente ser.

Ainda, chama a atenção a forma como Elizabeth se vê com relação à personagem Kenosi, uma mulher negra e africana. Para ela, Tom e Kenosi são um time, dependentes uns dos outros para que o trabalho aconteça. A projeção que Elizabeth faz a partir da sua experiência com Kenosi e Tom nos parece remeter a provável sensação de harmonia que os dois trazem à protagonista, porque eles são equivalentes à miscigenação dela, e, por isso, a completam e permitem que ela consiga imaginar um futuro em que ela deixa de ser inferior, e vive em harmonia.

Pensar no discurso do colonizador, e na ambivalência que o caracteriza pede que possamos também considerar a possibilidade de decolonização. Segundo Ashcroft (2007), a decolonização é o processo pelo qual o poder colonial é destituído e desvelado, incluindo aspectos institucionais e culturais que haviam sido instalados durante o período de colonização de um povo e que venham a permanecer mesmo após sua independência política ter sido assegurada.

Podemos dizer que este processo é complexo por vários motivos. Em muitos territórios dominados, a colonização se consolidou por meio da apropriação de instituições pertencentes ao próprio povo colonizado. Assim, o primeiro passo da descolonização, a independência, não necessariamente garantiria a liberdade do

⁹ she instantly sprang to life again, laughed and flung her hands into the air with a bounding sense of liberation.

povo colonizado dos valores e modelos políticos, econômicos e culturais do colonizador.

Considerando tais características, observamos o caminho de Elizabeth rumo ao que chamamos de processo de decolonização de si. Presa em um corpo que não reconhece como seu, em que não há sentimento de pertencimento, Elizabeth encontra no trabalho de plantio caminhos que mais tarde serão valiosos. Com esses pequenos movimentos, Elizabeth parece ressignificar algo de si, e se sente convidada pelo próprio solo a se resgatar: “O local parecia sussurrar suavemente: me pega.” (HEAD, 2011, p. 118)¹⁰

Lacan, na obra *O seminário*, livro 11, no capítulo intitulado *O inconsciente freudiano e o nosso* (1979, p. 25), adianta um dos conceitos-chave que orientam a construção da sua teoria: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Apoiando-se em Levi Strauss, Lacan (1979) discorre sobre a estrutura que subjaz o inconsciente, no sentido de que as relações humanas são derivadas de relações outras, já determinadas. Para ele, a partir de significantes que estão na natureza, as relações humanas são organizadas primariamente, e assim são originadas estruturas e moldes. Segundo o autor (1979), antes que possamos pensar em formação do sujeito, devemos observar algo pré-subjetivo, que está ancorado na linguagem, e que garante que possamos qualificar, acessar e objetivar o inconsciente.

Lacan (1979, p. 32) assinala que o inconsciente, considerando a teoria proposta por Freud, “é uma cadeia de significantes que em algum lugar numa outra cena, se repete e insiste para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação a que ele dá forma”. O termo crucial, nesse trecho, é o significante. Lacan expõe que Freud não teve acesso à linguística. Por isso Lacan, ao ler a obra de Freud, direciona-se para a linguística e equipara o inconsciente à linguagem. A partir de Saussure e Jakobson, Lacan dá nova dimensão à teoria freudiana.

O inconsciente, para Lacan, “se manifesta sempre como o que vacila num corte de sujeito” (LACAN, 1979, p. 32), e não encontramos lá o que existe, tampouco o que não existe, mas precisamente um intervalo, tal como ruptura, uma hiância. Por isso, Lacan considera a hiância do inconsciente pré-ontológica. O inconsciente não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado, cuja “verdadeira função é justamente

¹⁰ The area seemed to whisper softly: ‘Take me.

estar em relação profunda, inicial, inaugural com o conceito [...] do *un* original, isto é, o corte” (LACAN, 1979, p. 34).

Na perspectiva de Lacan, se é a partir de significantes que estão na natureza que as relações humanas são organizadas em sua gênese, parece natural que o plantio e as relações de Elizabeth que daí decorrem tanto com Tom, quanto com Kenosi e ainda, aos poucos, com as outras mulheres do vilarejo, tornam-se um símbolo de um lento retorno à vida e a si.

Quando Tom começa a colocar cercas e postes ao redor do jardim, um eco é criado com o interior de Elizabeth, que está em desordem. A cena em que Kenosi corre para a casa de Elizabeth e diz-lhe que a água entrou no jardim e levou embora a plantação de tomates lembra fortemente o efeito de Dan, o personagem que atormenta Elizabeth, sobre a vida dela. A imagem de ser dominada, inundada, é aqui capturada com a metáfora da água. Também sugere complexidade e representa, implicitamente, a vida como um trabalho e esforço contínuos, tal como é a necessidade de ressignificar experiências. Em outras palavras, o exterior comum também não é seguro, está cheio de riscos e contingências. O método de jardinagem que Elizabeth aprende ao longo da narrativa é simbólico da necessidade do ser humano de evitar todos os novos expedientes para manter seu jardim em marcha.

Conforme vimos anteriormente, o discurso colonial é ambivalente. E o termo ambivalente, emprestado da psicanálise, em que significa a flutuação contínua entre querer alguma coisa e, ao mesmo tempo, desejar seu oposto, foi explicitado como discurso colonial por Bhabha (1998). O conceito de ambivalência também descreve a complexa relação de atração e repulsão entre colonizado e colonizador. O sujeito colonizado se vê como um “filho” do império, ao mesmo tempo que se constitui como sujeito primitivo e submisso ao discurso do colonizador, ao passo que ao se construir a ideia do outro dominante, tantos sujeitos outros passam a existir.

Essa ideia está diretamente relacionada às propostas e análises da filósofa indiana Gayatri Spivak, principalmente em suas obras *Can the Subaltern Speak?* (1985), e *The Rani¹¹ of Sirmur* (2010). A autora inaugura o uso do termo “outramento” [*othering*], que descreve o processo pelo qual o discurso colonialista produz seus outros. Para a filósofa (1985, 2010), por um lado, temos o outro que domina, como o

¹¹ Rani é a designação de uma princesa ou rainha, esposa de um Raja, um governante ou soberano na Índia.

foco do desejo e do poder, representado na psicanálise pela mãe ou pelo pai, e nos estudos pós-coloniais, de forma análoga, pelo colonizador. Por outro lado, temos o sujeito que deseja, o sujeito outro ao mesmo tempo excluído e criado pelo discurso do poder. Outramento é, portanto, um processo dialético e circular em que o outro dominante é estabelecido ao mesmo tempo em que sujeitos outros são produzidos dentro do contexto da dominação (SPIVAK, 1985).

Segundo Spivak (1985), o colonialismo se constitui com base em relações de poder as quais se consolidam a partir de narrativas que, ao mesmo tempo, comunicam e perpetuam o processo de outramento. Por via desse processo, o povo dominante – o europeu –, construiu um discurso para justificar seus ensinamentos ao povo colonizado, fazendo com que se espelhasse no colonizador, isso é, visse o mundo a partir daqueles olhos e tomasse a ideologia do colonizador como verdade.

Outramento refere-se, portanto, à construção de sujeitos outros, marginalizados, frente a um grande outro que domina e define seu modo de estar no mundo (SPIVAK, 1985). Pelo discurso, pela via da linguagem, são construídos indicadores raciais, sexuais, religiosos, econômicos, étnicos, geográficos e ideológicos de dominação sociohistórica e cultural, que definem as posições dentro da sociedade (SPIVAK, 1985).

Durante o período colonial, povos dominadores, como os britânicos, por exemplo, estabeleceram-se como o grande outro enquanto marginalizavam nações colonizadas e seus nativos. Os britânicos não teriam definido essa posição sem o processo de outramento. Em outras palavras, pelo outramento, o colonizador se institui como detentor da verdade frente aqueles que coloniza, exclui e marginaliza. Ele localiza seus sujeitos outros por esse processo na busca do poder dentro do qual sua própria subjetividade está estabelecida (ASHCROFT, 2007, p. 158)

Nesse movimento de definição de margens e centralidades, a noção de grande outro/pequeno outro é construída. O processo inclui uma definição de autoridade, de domínio da voz e de controle da palavra, ou seja, a apreensão e o controle dos meios de interpretação e comunicação (ASHCROFT, 2002).

Spivak (1985) afirma que escrituras feitas pelos colonizadores a respeito de um povo colonizado são meios de perpetuação da condição de dominação e do discurso colonial. E, ainda, ao questionar se o colonizado tem voz, a autora (2010) nos lembra que, ainda que um povo dominado possa falar, as palavras que diz são atravessadas pelo discurso do seu colonizador, de forma que a manutenção da sua

identidade poderá estar por muitas e muitas gerações vinculada a um passado cada vez mais distante, porém, ainda, perturbador.

Nos excertos em que Elizabeth fala sobre sua estada no hospício, ou, no original *loony bin*, o que literalmente poderia ser traduzido como “depósito ou lixão de loucos”, podemos perceber as marcas do processo de outramento descrito por Spivak. As consequências da perpetuação do outramento são muitas e alguns exemplos aparecem na fala de Elizabeth, a partir do que vê quando chega ao local. São pessoas despejadas lá, e porque são pobres e analfabetas não merecem nem sabão para lavarem seus corpos. O cheiro fétido descrito por Elizabeth possibilita fazermos relação tanto com o “apelido” que Elizabeth dá ao lugar – lixão de loucos, quanto com a podridão causada pelo outramento como processo do sistema colonial.

Ainda, as marcas desse processo são engendradas nos sujeitos que, tais como Elizabeth, ao mesmo tempo que são vítimas dele, também contribuem para que se perpetue ao longo dos anos, passando de geração em geração. A exemplo disso a protagonista faz questão de afirmar que não é africana e que nunca gostaria de se tornar africana. Não consta na narrativa mas, certamente registros oficiais sobre os sujeitos loucos da África permanecem ainda hoje em documentos e bibliotecas e são narrados em obras escritas por colonizadores, é claro, fazendo com que se valide e dê continuidade à crença sobre a inadequação e inferioridade de um povo dominado. Os resultados do outramento não aparecem apenas em obras da literatura de resistência, mas também fazem parte da nossa vida cotidiana, estão na nossa linguagem e nos nossos atos de forma tão naturalizada que nem percebemos.

Elizabeth, além de ter sofrido as consequências de processos de outramento ocorridos com os povos africanos, tem em si também a experiência da vida na África do Sul quando da vigência do *Apartheid*. Elizabeth, insistimos, é um produto desses processos de outramento, e, ao mesmo tempo que se encontra em posição de subalterna, mulher e estrangeira, também tem em si o discurso do colonizador e suas tormentas parecem estar diretamente vinculadas a essa experiência dividida. Mas, ao ver o seu discurso contra os africanos sendo confirmado pelo médico que a atendeu, se dá conta que está reproduzindo um discurso que não é seu, “um som de alarme gritante ressoou em sua cabeça” (HEAD, 2011, p. 197)¹², e, ao se assustar com a sua própria imagem refletida nas palavras do médico, estranha e começa a caminhada em

¹² A wild alarm bell sounded off inside her.

direção à ressignificação de seus sentimentos com relação ao povo e à terra africana.

Como resultado de uma percepção sobre sua condição, e uma mudança de atitude, a protagonista toma algumas medidas. Por exemplo, ao invés de cometer suicídio conforme Dan havia ordenado, ela compra uma bola de futebol e brinca com seu filho. Elizabeth também decide convidar Sello, o monge que desencadeou a série de alucinações que vieram a atormentá-la durante a narrativa, para comparecer no quarto ao mesmo tempo que Dan. Sello aparece e então faz um julgamento de Dan que é decisivo para que Elizabeth possa apagar Dan permanentemente de seus pensamentos. Sello diz nunca ter visto tamanha crueldade, e alertou-a de que o amor se configura quando duas pessoas nutrem uma à outra, e não se alimentam de suas almas de forma vampiresca. Com isso, Dan sai do quarto, batendo a porta e faz com que Elizabeth sinta que finalmente se libertou daquela dominação, a qual ela chama de purgatório.

Ao final da obra, já recuperada, Elizabeth aparece em momentos felizes com as duas pessoas que representam essa nova etapa de sua vida: Kenosi, a mulher do povoado que trabalhara no plantio com ela e a respeita pelo que é, e o filho de Elizabeth, que parece ser a materialização do seu espírito e de toda a sua crença nos poderes da humanidade.

DESFECHO

A partir de um movimento de resistência, uma percepção da história pode ser lida, a qual se desenrola na perspectiva do colonizado e não do poder totalizante. As relações entre o centro e a margem, entre o grande outro e seus outros, e seus sistemas de poder são inscritas e reinscritas na literatura. No escopo dos processos de outramento, a possibilidade de um contra-discurso é fundamental.

Os estudos de Spivak (1985; 2010), Said (1989) e Achebe (1977) demonstram que o processo de outramento ocorre aos sujeitos colonizados e é perpetuamente reafirmado pelas narrativas colonialistas. Nessas narrativas, as instâncias de formação do par grande outro/outro são reafirmadas no escopo de significação e atribuição de sentido do leitor, consolidando as relações de alteridade que marcam um povo, uma etnia, um grupo social.

No presente estudo, apostamos na ideia de que nas narrativas o outramento se materializa e toma formas mais radicais e violentas enquanto processo. A cada leitura, o outramento se torna mais vívido e adentra na memória cultural, sendo

divulgado para fora do contexto em que se produziu. De que forma poderia se consolidar o poder e a dominação do colonizador se isso não fosse expresso para outros povos? São as narrativas – inevitavelmente as etnográficas, mas em grande medida também as literárias, que significam o processo de outramento para além da história e o perpetuam na memória do leitor.

Por outro lado, como nos lembra Chimamanda Ngozi Adichie, histórias também podem ser usadas para capacitar, humanizar e recuperar a dignidade perdida. Ao ler, encontramos um outro que nos possibilita ampliar a percepção que temos de nós mesmos. Talvez essa seja uma das conclusões mais relevantes deste trabalho.

Em todas as dimensões da existência do sujeito que vive no mundo moderno, pós-colonial, existem traços de ocupação, exploração, dominação e fratura. O sujeito, desde o instante em que é nomeado pelo outro, como nos diz Lacan (1979), é um sujeito barrado por discursos, por registros, por desejos. As possibilidades de constituição de si e de significação de experiências dependem do outro. Assim, talvez, possamos buscar outros discursos – e outras leituras, que abram novas perspectivas a nossa existência. Devemos a nós mesmos uma tentativa de descolonização, uma busca por outras experiências, e um resgate das potencialidades do nosso imaginário, como também devemos nos aproximar ainda mais dessas potencialidades, entendendo que os sentidos não são apenas construtos lógicos e racionais, mas, são consequência da nossa própria imagem refletida no outro que nos diz e nos constitui.

A palavra “*belonging*”, traduzida por pertencimento, presente no excerto que encerra a obra analisada neste trabalho: “Quando ela adormeceu, colocou a mão levemente sobre sua terra. Foi um gesto de pertencimento (HEAD, 2011, p. 223)¹³ é forte e decisiva. Tem sua origem etimológica na palavra do inglês antigo *gelang*, que traz o significado de estar junto, de união. Indica uma dedicação alcançada que evita a arrogância da possessividade e a humilhação daquele que não tem lar. No caso de Elizabeth, daquela que não encontrava morada também em si, que não se reconhecia no seu estar no mundo. Ela também aponta um caminho para sair da armadilha da memória em que as vítimas dos sistemas coloniais são capturadas. Pertencer é estar na caminhada de um futuro, em que é possível vislumbrar uma narrativa de si, porque

¹³ As she fell asleep, she placed one soft hand over her land. It was a gesture of belonging.

há uma terra que sustenta a vida e a resignificação das experiências encontra lugar nas coisas reais, no jardim, nas plantas e nas pessoas a nossa volta.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, C. An Image of Africa: Racism in Conrad's "Heart of Darkness". *Massachusetts Review*, v. 18, p. 1783-1794, 1977.

ASHCROFT, B.; GARETH, G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 2002.

_____. *Post-colonial Studies: the key concepts*. London: Routledge, 2007.

COLAÇO, Thais Luzia. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o Direito e o Pensamento Decolonial*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/99625/VD-Novas-Perspectivas-FINAL-02-08-2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

BHABHA, H. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

DERRIDA, J. *Margins of Philosophy*. Brighton: The Harvester Press Limited, 1982.

_____. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FANON, F. *Black Skin, White Masks*. London: Pluto Press, 2008.

LACAN, J. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RUIZ, C. B. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SAID, E. Representing the Colonised: Anthropology's Interlocutors. *Critical Inquiry*, n. 15, 1989.

SPIVAK, G. C. The Rani of Sirmur. (F. Baker, Ed.) *Europe and Its Others*. *Anais...* Colchester: University of Essex, 1985

_____. *Can the Subaltern Speak? Reflections on the History of an Idea*. Columbia: Columbia University Press, 2010.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, Quito, 2009. Disponível em: <<http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf>>.

*Recebido em 14/02/2019.
Aprovado em 16/03/2019.*